



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: Luiz Cláudio Ferreira

O ocaso do romantismo no jornal O que mudou no Correio Braziliense nos últimos 40 anos

Lívia Ribeiro de Albuquerque Villela
2031443/8

Brasília, 2006

Lívia Ribeiro de Albuquerque Villela

O ocaso do romantismo no jornal

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof. Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, 2006.

Lívia Ribeiro de Albuquerque Villela

O ocaso do romantismo no jornal

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Banca Examinadora

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Prof. Renata Lu
Examinador

Prof. Cristine Gentil
Examinador

Brasília, 2006.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me deu forças e inspiração necessárias durante o processo de criação deste trabalho. À minha família pela colaboração na aquisição do material necessário para o desenvolvimento do projeto e também pela paciência e compreensão nos momentos ausentes e estressantes. Em especial à minha mãe, pelo incentivo e por anos de luta para que eu concluísse o curso.

AGRADECIMENTOS

A todos que, de forma indireta, participaram do meu projeto e da minha pesquisa. Em especial à Débora Geraldês, Luiza Inês e ao pessoal do CEDOC do Correio Braziliense que me ajudaram nas pesquisas. Aos entrevistados Emerson Souza, Lunde Braghini e Gervásio Batista pela paciência a inúmeras perguntas. E, por último, mas não menos importante, ao professor Luiz Cláudio Ferreira pelas orientações e auxílios prestados ao longo do semestre.

“Minha relação com a máquina de escrever é de marido e mulher. O computador é como se fosse um intruso em minha casa”.

(SOUZA, 2006)

RESUMO

Esta monografia mostrará uma análise do que mudou no jornal Correio Braziliense em 40 anos. A temática abordada foi a do ocaso do romantismo no jornal. Para isso foram levados em conta dois períodos: 1966 e 2006, um na era da máquina de escrever, outro na era do computador e internet. Primeiro será feita uma viagem no tempo para mostrar como o jornal chegou ao país. Logo após, a análise comparativa, dos dois anos analisados, apontando as diferenças nos textos, fotos, diagramação e modo de produção. Fotos e gráficos vão ilustrar bem a comparação em questão. Finalizando o texto, será apresentada também uma visão futurística de como serão as redações daqui a 40 anos. A proposta deste estudo é apresentar as principais mudanças entre os dois jornais e analisar se o romantismo que a máquina de escrever trazia à redação se perdeu com a chegada do computador.

SUMÁRIO

<u>1 Introdução</u>	09
<u>1.1 Barulho por inspiração</u>	09
<u>1.2 Uma escolha romântica</u>	11
<u>2 Impressões de outros tempos</u>	12
<u>2.1 O processo de modernização</u>	14
<u>2.2 Modos de produção</u>	17
<u>2.3 Para marcar presença</u>	19
<u>2.4 Foto</u>	22
<u>2.5 Diagramação</u>	25
<u>3 Conclusão</u>	28
<u>3.1 Um passeio no futuro</u>	28
<u>4 Referências Bibliográficas</u>	30
<u>5 Anexos</u>	31

INTRODUÇÃO

1.1 Barulho por inspiração

Para falar de um passado é preciso não só imaginá-lo visualmente. É preciso ouvi-lo. Para falar do presente é necessário abrir os ouvidos atentamente para o passado. Os sons que ecoam no tempo são sábios. Do jornalismo, ecoam barulhos retumbantes semelhantes a várias metralhadoras em atividade. Na verdade, máquinas de escrever são objetos esquecidos desde o início do século XXI. Mais do que tempos digitais, o que os empresários da comunicação levam mais em conta é continuarmos nos tempos do lucro e da produtividade.

As redações barulhentas são lembradas como ícones de um tempo romântico que não volta mais. Os computadores são símbolos da modernidade, da produção agilizada, da necessidade de competir, de vender, de estar impresso antes dos concorrentes. Por isso que, para muitos, o romantismo acabou.

O barulho que ecoava pelos corredores e a relação que os jornalistas tinham com seu objeto de trabalho tornou-se inesquecível para os profissionais da época.

Ao longo da década de 90, o mundo passou por uma verdadeira revolução digital. A máquina de escrever, até então, amiga inseparável do profissional de imprensa, foi cedendo espaço para novas tecnologias. Alguns veículos chegaram a implantar máquinas elétricas que não ficaram por muito tempo nas redações. Os repórteres, na pressa de fechar a matéria, batiam forte nas teclas da máquina que não suportava e acabava quebrando. A partir daí o computador assumiu papel de destaque nesta transformação. Juntamente com a internet, tomaram conta das redações e transformaram o modo de fazer jornalismo.

Em algumas redações, os jornalistas, ao chegarem no trabalho, espantaram-se ao ver aquele objeto estranho em suas mesas. O computador tornou-se alvo da curiosidade daqueles que nunca tiveram contato com aquele corpo, até então, estranho. Os profissionais foram obrigados a trabalhar com a novidade da noite para o dia sem que houvesse um preparo. E não para por aí. Alguns tiveram que receber apoio psicológico e psiquiátrico para se acostumar a falta de barulho nas redações. Saudades do datilografar ligeiro, do teletipo funcionando 24 horas por dia, sete dias por

semana. Sem esquecer do “trim” a cada vez que acabava uma linha. Para alguns, o fim do barulho foi também o fim da linha. A demissão ou a aposentadoria foram as saídas encontradas por aqueles que não conseguiriam viver sem a velha amiga. Outros, mais teimosos, insistem na companheira inseparável e, até hoje, imprimem idéias e informações por meio da máquina de escrever

Ela trazia uma característica romântica não só para quem lia os jornais impressos, mas também para quem trabalhava nas redações. Os repórteres da época faziam cursos para aprender a datilografar, o que fazia com que eles tivessem uma relação especial com as máquinas de escrever. Para alguns, essa relação era de verdadeiro companheirismo, de amigos, cúmplices.

O profissional de hoje já tem que entrar numa redação jornalística para trabalhar sabendo dominar a máquina. O computador também deixou as redações mais silenciosas e a Internet afastou as pessoas umas das outras. Hoje, tudo é encontrado no mundo virtual e se for preciso falar com alguém do outro lado da redação basta enviar um *e-mail*.

As redações ficaram mais vazias e silenciosas. Os profissionais que trabalhavam com a máquina de escrever demoraram algum tempo para acostumar com o “vazio” que a tecnologia trouxe. Alguns ainda nem se acostumaram.

O trabalho das sucursais para enviarem os textos para as redações era grande. Primeiro o jornalista escrevia o texto que depois de pronto ia para um *copy desk*. Em seguida ia para a mão do editor que lia a matéria e passava para o editor-chefe. Dele o material seguia para o telex onde o operador reproduzia o texto numa fita chamada picote e ia direto para as redações. O trabalho para imprimir os jornais também era dobrado, pois as máquinas eram maiores.

Com a evolução das máquinas, o trabalho nas sucursais mudou completamente. O jornalista escreve a matéria, o editor lê e manda por e-mail para as redações. Antigamente eram necessárias duas ou três pessoas para corrigir os textos. Hoje o próprio computador corrige os erros de digitação do repórter.

O trabalho de produção também mudou. Sem o maquinário atual, os profissionais tinham um trabalho maior para imprimir um jornal, o que levava mais tempo e exigia um trabalho mais rápido do jornalista. O jornalista de hoje tem mais

tempo para apurar e escrever a matéria pois é possível produzir o dobro de jornais em menos tempo e com menos gente trabalhando. As máquinas substituíram o trabalho dos profissionais.

1.2 Uma escolha romântica

Tudo que se refere ao passado é, num mundo de sucessivos “agoras”, encantador. E o que levou a pesquisadora a escolher esse tema foi justamente esse encanto, sem esquecer a curiosidade.

O objetivo desta pesquisa é saber se as redações e os jornais impressos perderam o romantismo com a chegada do computador. A necessidade de saber o porquê, o como foi a passagem para uma nova *práxis* do jornalismo.

Metodologicamente, serão feitas comparações práticas entre o passado e o presente, inclusive de teor quantitativo. São levados em consideração itens como: tempo para escrever uma reportagem, quantidade de matérias publicadas, número de páginas publicadas. Para que seja recolhida essa amostragem, serão utilizadas matérias do jornal Correio Braziliense¹, dos anos de 1966 e de 2006.

Será feita uma análise de como eram as redações na época da máquina de escrever. Diagramação, trabalho dos fotojornalistas e texto. Fazer o mesmo na atualidade com o uso do computador e fazer uma comparação dos dois períodos.

Além da comparação de jornais dos dois períodos, depoimentos de profissionais que trabalharam na época e que passaram por essa transição nas redações para analisar seus comportamentos. Sem esquecer dos depoimentos de jornalistas que já trabalharam direto com o computador e perceber como é o trabalho e deles hoje, ou seja, como funcionam as redações computadorizadas.

¹ O Correio Braziliense foi fundado em Londres no ano de 1808 por Hipólito José da Costa. Foi trazido para Brasília no ano da inauguração da cidade, 1960, por Assis Chateaubriand.

2. Impressões de outros tempos

Antes de analisar a fundo a atualidade, é preciso voltar um pouco no passado e falar sobre estudos orientados para a comunicação de massa. As teorias ajudarão a entender as mudanças do jornalismo.

“Os Estudos Culturais” defendem a idéia de que só se estuda a mídia levando em consideração as estruturas sociais e o contexto histórico. Os *cultural studies* têm como objetivo estudar as relações da cultura com a sociedade e a transformação social. A cultura deixou de ser a sabedoria recebida, transformando-se naquilo que é vivido no cotidiano. O jornalismo, por sua vez, é produtor da realidade, tornando-se um veículo dos processos simbólicos.

É como cita Mauro Wolf:

“As estruturas e os processos pelos quais as instituições das comunicações de massa mantêm reproduzem a estabilidade social e cultural devem ser estudados; isso não acontece de uma forma estática, mas adaptando-se continuamente às pressões, às contradições que emergem da sociedade, englobando-as e integrando-as no próprio sistema cultural”. (WOLF, 1999, p.108)

Ou seja, a sociedade pressiona as instituições das comunicações de massa para que ela acompanhe o ritmo do avanço tecnológico. E isso vai além. Não somente é a sociedade que pressiona, o concorrente também.

As instituições das comunicações de massa têm que se adaptar a essa tecnologia senão perde cliente, perde leitor. E assim como as instituições, as culturas também estão em profunda e constante mudança, principalmente com as novas tecnologias. A sociedade exige isso o que permitiu que as empresas tivessem uma economia maior. Com a troca do equipamento antigo por eletrônico, o número de funcionários diminuiu, as horas extras também e a quantidade de informação para a sociedade aumentou.

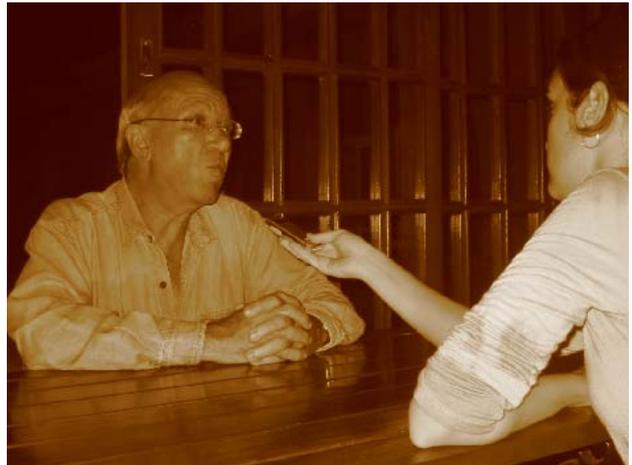
Essa evolução é facilmente notada quando se faz uma visita a uma redação jornalística. Computadores modernos, câmeras digitalizadas, equipamento eletrônico de última geração, o que permite um trabalho mais rápido e eficaz com menos profissionais trabalhando, como cita o autor Carlos Eduardo Lins da Silva:

“Pressionada, ameaçada de extinção, a estrutura tradicional reagiu. Houve então um deslocamento da retina ideológica e a camada que antes correspondia a um anticapitalismo romântico, deslocado da estrutura de classes meramente boêmio ou intelectual, deslizou até o tempo presente, onde ela veste como uma luva para fazer as vezes da ideologia e da resistência e da revolução”. (SILVA, 1988, p.23)

As tecnologias digitais estão conduzindo a sociedade, de um modo geral, e as redações jornalísticas para um Serviço Nacional de Informação, reduzindo cada vez mais a distância entre o Brasil e qualquer outro país do mundo. Com apenas um e-mail ou um acesso à Internet todos são capazes de saber o que se passa nos Estados Unidos, por exemplo, em uma questão de segundos.

Profissionais consideram que o “romantismo” nos veículos de comunicação, em especial o impresso, foi se perdendo com essa substituição das máquinas para a adequação ao gosto da sociedade. O silêncio que dominou os corredores das redações, as pessoas ficaram mais afastadas, as histórias e a relação pessoal do profissional com seu objeto de trabalho se acabaram.

O lado humano das redações também acabou. O jornalista Emerson Souza² que trabalhava na Folha de São Paulo quando a redação foi informatizada, explica, em entrevista concedida à pesquisadora, que existiam repórteres que moravam nas redações.



“Ele tinha, dentro da redação um guarda-roupa. Não era bem um guarda-roupa. Ele fazia de guarda-roupa um armário onde a gente guardava laudas, guardava as matérias, os arquivos. Ele tinha ali paletó, gravata, guarda-chuva, sapato, meia, cueca. Então ele morava praticamente ali porque ele veio de fora. Chamava-se Rachid, grande repórter”. (SOUZA, 2006.)

² Emerson Souza trabalhou como repórter especial, secretário de redação e chefe de reportagem do jornal O Globo. Depois, trabalhou cerca de 20 anos na Folha de São Paulo como repórter especial. No período da transição de máquina de escrever para computador, trabalhava no jornal Folha de São Paulo.

2.1 O processo de modernização

Antes mesmo da tipografia, a comunicação e o jornalismo eram praticados. Na Antigüidade, as pessoas comunicavam-se através de símbolos ou desenhos, no qual contavam uma história ou um fato ocorrido.

Em Roma, por exemplo, os acontecimentos importantes eram publicados em uma tábua branca pendurada no muro de residências. Em 69 antes de Cristo, Júlio César tornou oficial esse meio de comunicação, determinando que fossem diariamente redigidos e publicados. A semelhança com o jornal era grande, como relata Carlos Rizzini:

“Possuindo os dois primeiros característicos de um jornal – periodicidade e atualidade – cedo atraíram a *Atas* o terceiro – variedade – quando o abelismo do público foi-lhes abrindo espaço para o noticiário vulgar” (RIZZINI, 1968, p.05).

A diferença é que nesse modo de comunicação a informação ficava parada e no jornal a informação circula.

Na Idade Média não existiu a correspondência de notícias, pois o material para escrever, ou seja, o papiro ou pergaminho, era demasiado custoso. O pergaminho foi desaparecendo no século XI com a chegada do papel de algodão, feito de algodão e amido, trazido pelos árabes para a Europa.

Em Portugal, por volta de 1288, chegou o papel de trapos, feitos de plantas orientais. Nesses papéis os tabeliães faziam livros no qual escreviam notas, enquanto os contratos eram escritos em livros de couro, esses, que eram feitos de peles de carneiro, bode ou vitela, eram chamados de pergaminho.

No Brasil, o papel consumido vinha de Lisboa era destinado a embrulhos e raras cartas. Em 16 de novembro de 1809, José Mariano da Conceição Veloso permitiu a fabricação no Rio de Janeiro de uma folha de papel feita de embira. No mesmo ano, foi registrado o início da construção da fábrica de papel no Rio de Janeiro.

A tipografia ficou conhecida quando Gutemberg criou, em 1455 no Ocidente, letras de chumbo denominadas tipos móveis. Gutemberg também inventou a prensa e ficou conhecido ao lançar a Bíblia de 42 linhas.

Não se sabe precisamente em que ano a tipografia chegou ao país, isso porque na época era proibida a manifestação livre do pensamento, ou seja, imprimir qualquer coisa era considerado crime.

Em 1808, D. João VI chegou ao Brasil com a família real. No mesmo navio que eles, vieram dois prelos e vinte e oito caixas de tipos, chamados tipos móveis. Ao chegar, o imperador assinou um decreto permitindo o funcionamento de fábrica no país, que até então eram proibidas.

No dia 13 de maio do mesmo ano, D. João VI cria a Imprensa Régia, no Rio de Janeiro, que permitia a impressão de livros no país. Ainda nesta data, é publicado o primeiro livro, chamado Relação de despachos públicos na corte.

O primeiro jornal impresso no Brasil foi Gazeta do Rio de Janeiro em 10 de setembro de 1808. Porém, o Correio Braziliense circulou no país em primeiro de junho de 1808 de forma clandestina. Ele era produzido em Londres e era trazido pelos navios. Em 27 de março de 1809, a Corte do Rio de Janeiro, através do Conde de Linhares, determinou ao juiz da Alfândega a apreensão de material impresso no exterior, pois continham críticas ao governo. Somente com a Revolução do Porto em 1820 as perseguições pararam e o jornal passou a circular normalmente no Brasil.

A linotipo foi comprada dos Estados Unidos em 1953 e substituiu os tipos móveis. O trabalho ficou mais fácil. Nos tipos móveis o trabalhador pegava letra por letra para formar palavras e frases. Com a linotipo, o texto era datilografado por alguém e as letras de metal caíam em um depósito na própria máquina. Depois as letras recebiam chumbo a uma alta temperatura formando uma frase numa linha de chumbo. Em seguida, a frase pronta descia a outro compartimento para ser resfriada. Depois de usada na impressão, a linha de chumbo voltava à caldeira para ser derretida e reutilizada em outra gravação.

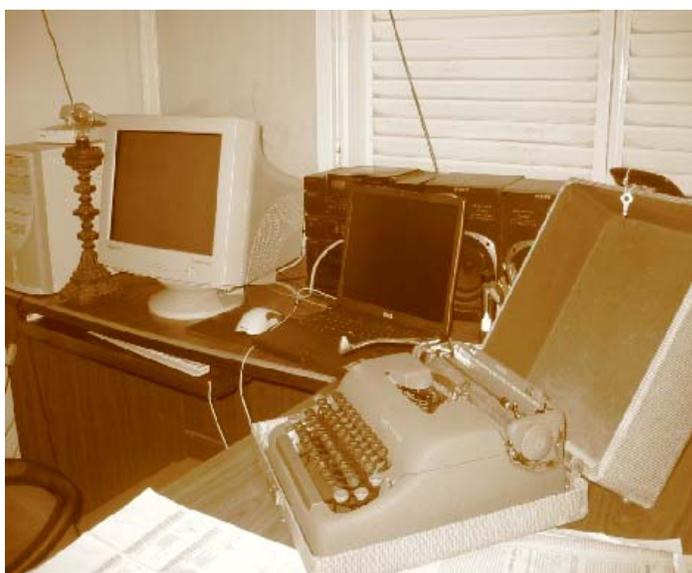
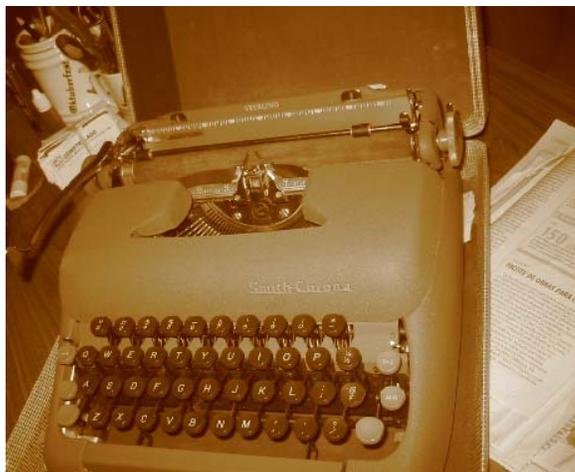
Em 1972 chega ao país a máquina *offset*. O trabalho tornou-se mais rápido e mais barato, permitindo que mais jornais fossem impressos num custo menor. O *offset* é utilizado até hoje na impressão de jornais.

O trabalho da impressão pode ser dividido em três épocas: antes da máquina de escrever, com a máquina de escrever e com o computador. Antes da máquina de

datilografar, os textos eram entregues manuscritos. O trabalhador da tipografia transcrevia o texto letra por letra com os tipos móveis para formar a página do jornal.

Com a máquina de escrever, o datilógrafo entregava o texto pronto para o trabalhador da linotipo. Ele compunha manualmente as frases e imprimia o jornal. A diferença entre as duas fases é que na primeira ele tinha que transcrever o texto.

A época computadorizada divide-se em duas fases: convencional e eletrônica. Na fase convencional, o jornalista entregava o texto impresso. Outro profissional cortava e montava página por página no modelo padrão, ou seja, na página com as características oficiais exigidas pela empresa (espaçamento, tamanho de fonte, logotipo). Depois passava pela fotomecânica de onde saía o fotolito numa chapa de alumínio. Dessa maneira ia para o impressor da rotativa, no qual saía o jornal pronto.



Na fase eletrônica o jornalista manda a matéria por meio eletrônico, *e-mail*. Através de um programa chamado *Good news*, o trabalhador joga no computador, numa página com todas as configurações em modelo padrão e vai para a gravação na chapa. A diferença nos dois processos é que no segundo não era mais necessário cortar e colar o texto na página

padrão, pois existe um programa no computador que faz isso.

Acompanhando a era tecnológica, o Correio Braziliense se informatiza em 21 de abril de 1994. Foram instalados 60 terminais de computador para edição e sete para paginação. Foi realizado, também, o treinamento dos primeiros dezesseis jornalistas.

Aproximadamente US\$ 1,2 milhão foram investidos para informatizar a redação, sendo que metade desse valor foi destinada aos programas de manipulação de imagens.

“À medida que todos os redatores aprenderem a operar novos equipamentos, os computadores passarão a se utilizar de programas mais amplos. Os repórteres poderão utilizar os terminais para consultar o Centro de Documentação – o arquivo do jornal – para enriquecer suas matérias com dados que já escapam de suas memórias. Os computadores permitirão ainda a instalação de uma rede de comunicação com os outros órgãos dos Diários Associados no país, formando uma moderna agência de notícias”. (CORREIO BRAZILIENSE, 1994, p.09)

Passados três meses, toda a redação estava informatizada. Em 1996 é criado o jornal Correio Braziliense na forma *on line*. No Correio web, o jornal é colocado na íntegra. Desta forma, o leitor pode ler o jornal através da tela do computador. O *site* também é atualizado com notícias de última hora, ou seja, acontecimentos em tempo real.

2.2 Modo de Produção

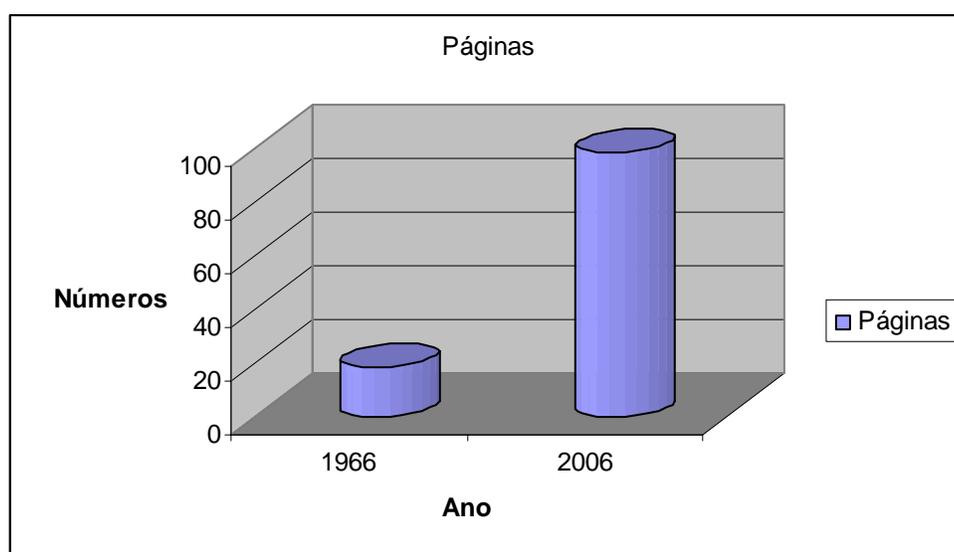
Aproximadamente 150 profissionais trabalhavam para que o jornal chegasse à mão do leitor. Hoje, a quantidade é a mesma. A diferença entra as duas épocas é que as redações ficaram mais jovens. Os profissionais com idade mais avançada e com experiência foram substituídos por estagiários.

Profissionais com uma vida para compartilhar e verdadeiros sonhadores, foram substituídos por jovens jornalistas.

“Era um trabalho muito mais demorado. Hoje em dia você senta no terminal, escreve, o editor já puxa, olha e manda. Então a matéria desce tranqüila. Os jornalistas mais novos se adaptaram mais fácil. Os com a idade mais avançada tiveram dificuldade para se adaptar. Eu mesmo apanhei que nem cachorro de índio. Quantas vezes eu estava fechando uma matéria e de repente sumia tudo, dava aquele apagão na tela do computador. Eu, que nem um doído, gritava: Sumiu a matéria”. (SOUZA, 2006)

Com o uso do computador, a produção ficou mais acelerada, ou seja, o trabalho para se produzir um jornal diminuiu. Hoje é possível produzir um jornal em muito menos tempo do que antes.

A quantidade de páginas aumentou. Em 1966 o jornal inteiro somava 14 páginas. O jornal deste ano totaliza 94 páginas. Uma quantidade maior de páginas é resultado da informatização. Com o mesmo número de pessoas trabalhando, o computador tornou possível o acréscimo de 80 páginas no jornal.



(VILLELA, 2006)

Ao comparar um jornal com o outro se nota, ainda, que os textos puderam ser mais bem trabalhados. No jornal do ano de 2006 os textos são maiores, com mais detalhes. Em 1966 os textos eram mais curtos e sem muitos detalhes. A informação era apenas colocada em algumas linhas.

Por outro lado, com o computador, o texto pode ser constantemente modificado, em qualquer etapa da produção, como explica Ciro Marcondes Filho:

"Imaterial está se tornando também o próprio jornal, cada vez mais editado *on line*, assim como a redação, acessível de qualquer ponto do planeta, tanto para se receber pautas como para se fazer uma reportagem, nela inserir fotos tiradas em tempo real, diagramar e enviar, tudo pronto, ao terminal instalado do outro lado do mundo". (FILHO. 2000, p.47)

A transformação tecnológica também exigiu da empresa jornalística a capacidade de sustentar-se financeiramente. Para isso, é necessário vender bem para conseguir quitar as dívidas. Por esse motivo, os jornais começaram a vender espaços para a publicidade. Com a publicidade, o retorno financeiro era certo.

Matérias sensacionalistas e que falavam de assuntos banais começaram a chamar atenção dos jornalistas. Isso também vendia jornal, ou seja, o lucro certo era escrever sobre aquilo que as pessoas gostariam de ler.

O romantismo das redações acabou se perdendo com essa necessidade de modernização, com a venda de espaços para a publicidade e com o lucro em cima da notícia. Assim explica Ciro Marcondes Filho:

“A atividade que se iniciara com as discussões político-literárias aquecidas, emocionais, relativamente anárquicas, começava agora a se constituir como grande empresa capitalista: todo romantismo da primeira fase será substituído por uma máquina de produção de notícias e de lucros com jornais populares e sensacionalistas”. (FILHO, 2000, p.13)

2.3 Para marcar presença

Ao chegar no trabalho, o jornalista colocava a sua amiga deitada na mesa. Antes de sair, o profissional colocava a máquina de escrever de pé na mesa para dizer que aquele lugar tinha dono e que ele estava apenas ausente. O cenário faz parte de relatos de jornalistas e autores consultados para este trabalho.

Depois de apurar a matéria, o trabalhador pega dois pedaços de carbono e os coloca na máquina junto com três folhas de papel. Os dedos ficam sujos de carbono. Em outros momentos, quem fumava acendia um cigarro e colocava na boca. Isso era o que faltava para dar início ao texto.

Tudo e todos ao seu redor passavam por despercebidos. O barulho da máquina de escrever tomava conta do ambiente e soava como música para quem datilografava. Os erros eram corrigidos a lápis. Alguns perdiam a paciência e começavam tudo novamente. Outros faziam rabiscos atrás de rabiscos para esconder o que havia errado.

Repentinamente, o silêncio. As máquinas não cantavam mais. Elas foram substituídas por um objeto estranho, denominado computador. Agora não eram necessários mais riscos e rabiscos para corrigir o texto. A própria máquina o corrigia. O carbono foi simplesmente esquecido. O papel era agora virtual.

“Antes os textos passavam por uma série de estágios entre o repórter e o leitor. Com os computadores esses estágios desaparecem, dando mais agilidade à produção do jornal e permitindo um ganho de tempo que trará um informativo cada vez mais atualizado com notícias ‘mais quentes’”. (CORREIO BRAZILIENSE, 1994, p.09)

A curiosidade, então, tomou conta das redações. Alguns observavam curiosamente aquele corpo estranho e sentiam falta do barulho e da amiga de longos anos. Escrever o texto não era a mesma coisa sem o cantarolar das máquinas. Porém, o som que ecoava das máquinas foi apenas substituído, como explica o Lunde Braghini:

“O barulho das redações apenas mudou, foi substituído pela televisão. Todos com ouvidos antenados nos noticiários 24 horas. Mas, sem dar muita atenção ao conteúdo da informação. Hoje as pessoas escrevem para o cara que pautou e para a fonte. Não escrevem mais para o público. Elas escrevem para agradar o editor e as pessoas que entrevistaram”. (BRAGHINI, 2006).

Digitar o texto ficou mais fácil. Não eram mais necessários lápis e borracha para apagar os erros. O novo objeto de trabalho era programado para corrigir qualquer erro e dar sugestões a quem escreve.

Com a informatização das redações, as pessoas perderam o prazer em escrever. Entrar a fundo nos detalhes do texto era uma verdadeira aventura, era emocionante, intrigante. Alguns chegam a acreditar que o computador traz uma certa imaterialidade ao que está escrito.

“Na tela do computador, o texto jornalístico perde a materialidade e se torna pura fibrilação visual de pontos, um texto permanentemente provisório, nunca terminado, passível de interferências por todos os que por ele passam e em todos os momentos da produção do jornal”. (FILHO. 2000, p.47)

Essa mudança acaba com o romantismo. Os jovens de hoje escrevem por escrever, enquanto os jovens de 40 anos atrás escreviam pelo prazer de escrever.

No processo de apuração, as coisas também mudaram. Pegar um papel e uma caneta, transcrever de forma rápida tudo o que o entrevistado fala. Esse era o trabalho de um jornalista de anos atrás, o que exigia uma memória maior dele. A troca de idéias com os “coleguinhas” de trabalho também ajudava. O que um perdeu o outro anotou.

O jornalista de hoje conta com a ajuda do gravador para escrever o texto. Com isso, os textos ficaram mais verídicos. O jornalista, através das aspas, escreve para o leitor justamente aquilo que o entrevistado falou, sem mudar uma vírgula.



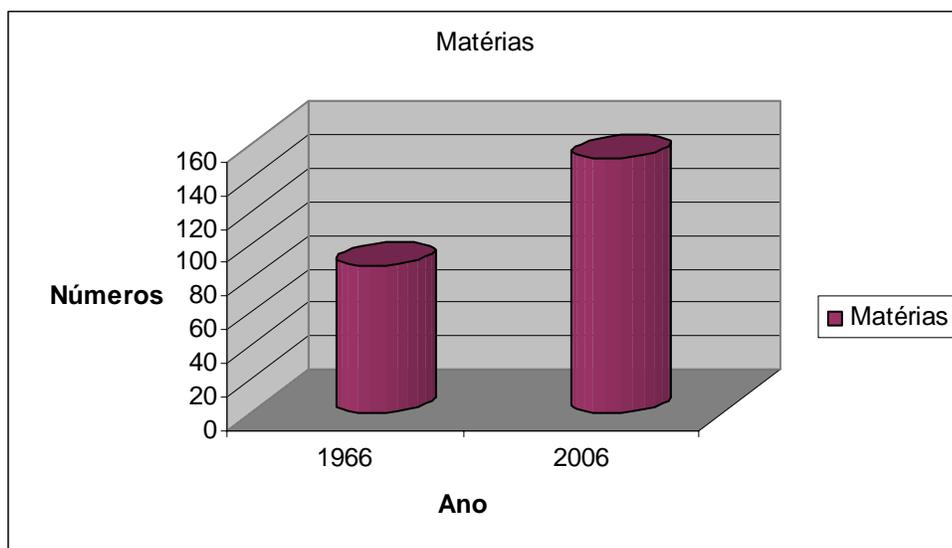
Isso é facilmente demonstrado se comparados jornais das duas épocas. A exemplo, o Correio Braziliense de primeiro de setembro de 1966 e outro de primeiro de setembro de 2006.

A análise mostra que as aspas são pouco utilizadas em 1966. Nos casos em que ela aparece, o autor coloca pequenos trechos da fala de outro alguém. “Funcionários disseram que os auxílios da AID para os outros projetos de Educação e Saúde não serão afetados, esclarecendo que a suspensão aplicada é provisória ‘até que possamos esclarecer o assunto’”. (CORREIO BRAZILIENSE, 1966, CAPA)

No jornal de 2006, o uso de uma fala deixa de ser em pequenos trechos e passa a ser de um período. “O Marcos Silveira é meu amigo desde o tempo da Escola dos Oficiais da Marinha Mercante (civil) e consultor do Sindmar para assuntos de informática’, destacou Severino”. (CORREIO BRAZILIENSE, 2006, p.02).

Os textos também puderam ser mais trabalhados. No jornal deste ano é possível notar que os textos são maiores com informações mais completas. No jornal de 1966, os textos são curtos. A informação era transmitida ao leitor em poucas linhas e parágrafos.

Com os textos mais trabalhados e mais páginas nos jornais, a quantidade de matérias aumentou. Comparando os dois jornais, o de 2006 tem 64 páginas a mais que o de 1966.



(VILLELA, 2006)

2.4 Foto

Medir a luz, esperar o *flash* carregar, arrumar o foco, esperar uma pose melhor do modelo. O fotógrafo não podia errar. Tudo tinha que ser minuciosamente calculado para que a foto ficasse perfeita, pois não tinha volta. O momento era único.

Para a foto sair, o fotógrafo, com as primeiras máquinas, tinha que levar uma chapa de vidro para cada foto que fosse

tirar. Por exemplo, a redação pedia que o fotógrafo tirasse duas fotos. Ele então saía da redação carregando duas placas de aço, uma para cada foto. A foto perfeita, aquela que ia ilustrar a matéria ou até mesmo sair na capa, tinha que ser tirada logo de primeira.



Depois de tirada, o profissional tinha que mandar para a redação. Para isso, havia duas opções: ou ele mesmo entregava as chapas no estúdio de revelação ou ele pedia a alguém, enviado pela empresa, que levasse para o local de revelação.

No estúdio, o profissional revelava o filme e mandava para o secretário da redação escolher a melhor. Se tivesse uma pequena falha na foto, como exemplo uma mancha ou uma ruga, o próprio jornalista pegava um lápis e corrigia os eventuais erros. Depois de escolhida e retocada, ela ia para a mão do diagramador que montava o jornal. Com as máquinas digitais esse percurso que a foto percorria antes de ser publicada diminuiu, como explica o fotógrafo Gervásio Batista.

“No meu tempo antigo eu que revelava mesmo. Com a evolução já tinha gente que revelasse pra mim porque a demanda de trabalho era grande, você tinha que fazer duas ou três pautas. Então eu mandava que levassem para o laboratório com um papelzinho que tinha o assunto da matéria anotado. Depois de revelar levavam para o secretário do jornal com o papelzinho para ele saber qual era o assunto”. (BATISTA, 2006)³

As fotos perderam o romantismo com as facilidades tecnológicas. O fotógrafo não revela mais o que fotografa e não há mais aquela expectativa para ver como ficou o que ele captou através das lentes.

Para alguns, as máquinas fotográficas atuais facilitaram o trabalho. Elas permitem que o fotógrafo erre. Com o visor digital ele pode escolher se a foto ficou boa ou não, se a luz estourou ou se ficou boa, se o modelo piscou ou se saiu bem na foto. Se o profissional não gosta, ele apaga e tira outra novamente. E assim vai até chegar a foto perfeita. Sem esquecer que as máquinas digitais também medem a luz, a velocidade e acionam o *flash* automaticamente.

Fazer modificações nas fotos também ficou mais fácil. Com um programa instalado no computador, o profissional faz as modificações da maneira que quiser. Ele pode até colocar uma cabeça de uma pessoa no corpo de outra.

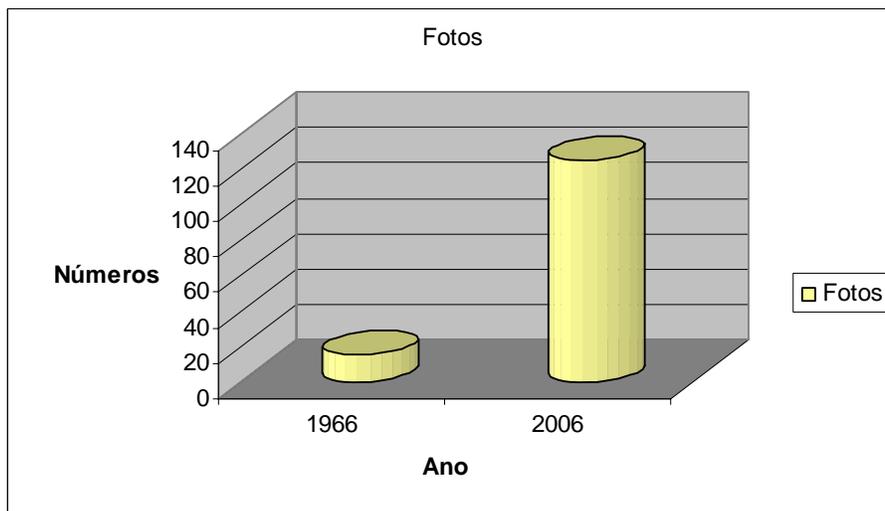
Na hora de enviar as imagens para a redação, o profissional que tiver um *laptop* contigo ou estiver próximo a um computador, descarrega as fotos da máquina fotográfica com apenas um cabo que a coloca diretamente em ligação com o computador ou *laptop*. Através de um e-mail, ele envia para a redação todas as fotos tiradas por ele. Neste caso, não é preciso revelar e o próprio diagramador já a encaixa na matéria.

³ Gervásio Batista trabalha como fotógrafo há 40 anos. Atualmente é servidor da Agência Brasil.

“Na hora que você fotografa, se você tem um espaço de tempo, pega um *laptop*, acopla na eletricidade e remete dali mesmo pra redação a sua foto que você fez naquele momento. Antes a gente tinha que sair do serviço, ir para o laboratório, revelar, ampliar e aí levaria ao secretário do jornal para ele escolher a foto que você tinha feito”. (BATISTA, 2006)

A produção mudou para melhor. O profissional de algumas décadas atrás, tinha que fotografar para duas, três, quatro ou mais pautas. A quantidade de equipamentos que ele tinha que carregar e de coisas que tinha que fazer ou calcular antes de fotografar fazia com que o serviço ficasse mais demorado.

Com a máquina digital, o profissional tem mais liberdade para fazer uma ou mais pautas. Ele sai apenas com a máquina na mão e tudo que ele tem que fazer, entre uma pauta e outra, é mandar a foto via e-mail para a redação. Essa liberdade de tirar mais fotos é demonstrada na comparação dos dois jornais. A diferença chega a 110 fotos de um jornal para outro.



(VILLELA, 2006)

Comparando os jornais dos dois períodos é possível notar também a qualidade das fotos. Para começar, percebe-se o uso das fotos coloridas no exemplar de 2006. Isso só foi possibilitado através do uso de cores na impressão. O jornal de 1966 não utiliza cores.

Nota-se também que os modelos das fotos estão mais bem “apresentados” no jornal de 2006. Os recursos fotográficos permitem isso, permitem a captura de imagens de uma forma mais rápida.

Quanto à forma das fotografias, isso será discutido no próximo capítulo.

2.5 Diagramação

Papel, lápis, borracha, régua e calculadora na mão. Medir milimetricamente os espaços da página. Que distância as fotos ficariam dos textos, que distância separaria os textos da borda do jornal ou que separaria um texto do outro? Tudo isso tinha que ser devidamente calculado.

As matérias, depois de datilografadas, eram cortadas. Com as fotos a mesma coisa. Entrava em ação o diagramador, que montava página por página, com os recortes. O trabalho era de precisão e levava algumas horas.

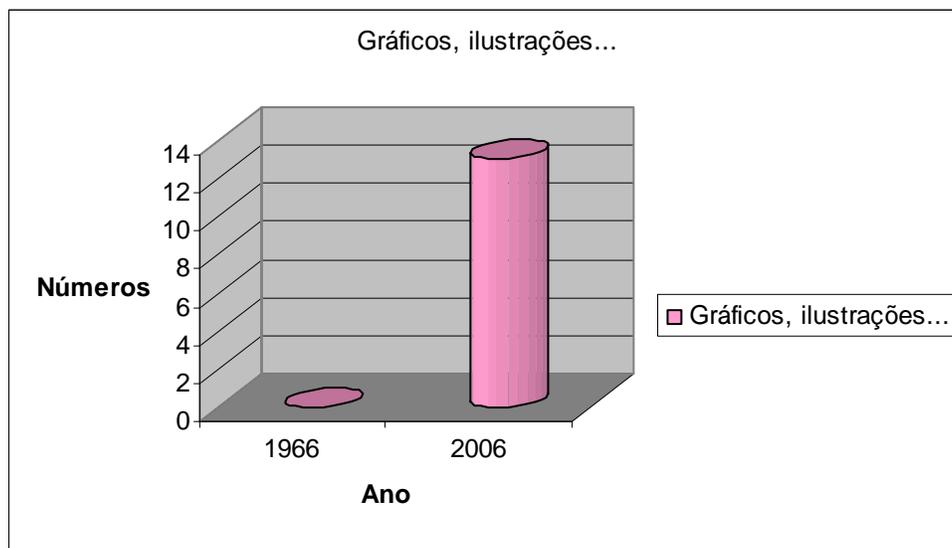
Antes de colar, a página era desenhada com as medidas. Cada espaço era destinado a uma matéria ou uma foto, tudo devidamente identificado. No final, a obra de arte. Uma página inteira montada com recortes e cola.

Com a informatização vieram os recursos. Não era mais necessário cortar e colar. Papel, lápis, borracha, régua e calculadora foram esquecidos pelo diagramador. No computador ele montava a página do jornal com recursos que a própria máquina oferecia. Um programa nele instalado já dava a medida, já mostrava a régua, o lápis e a borracha. Com o *mouse* o diagramador desenha página por página.

“A editoração e a paginação eletrônicas permitem a confecção de um jornal mais comunicativo, por meio da manipulação de recursos gráficos. São mapas, ilustrações, gráficos e fotos que se unem aos textos para dar uma informação mais completa”.(CORREIO BRAZILIENSE, 1994, p.09)

Essa diferença no trabalho pode ser afirmada na análise comparativa dos jornais de 1966 e de 2006. Nota-se que no jornal de 1966 somente fotos e textos compõem a página, enquanto no de 2006, gráficos, desenhos, fotos, texto transformam a página. A

utilização desses recursos permitiu que a leitura não se tornasse tão cansativa. O leitor passou a interagir mais com a matéria.



(VILLELA, 2006)

Com os novos recursos da diagramação, é permitido ousar. As fotos não saem todas de uma mesma maneira. Por exemplo, no Correio Braziliense de 1966, todas as fotos são quadradas ou retangulares. No de 2006, o texto envolve a foto, como se observa na página 34 do caderno de Esportes.

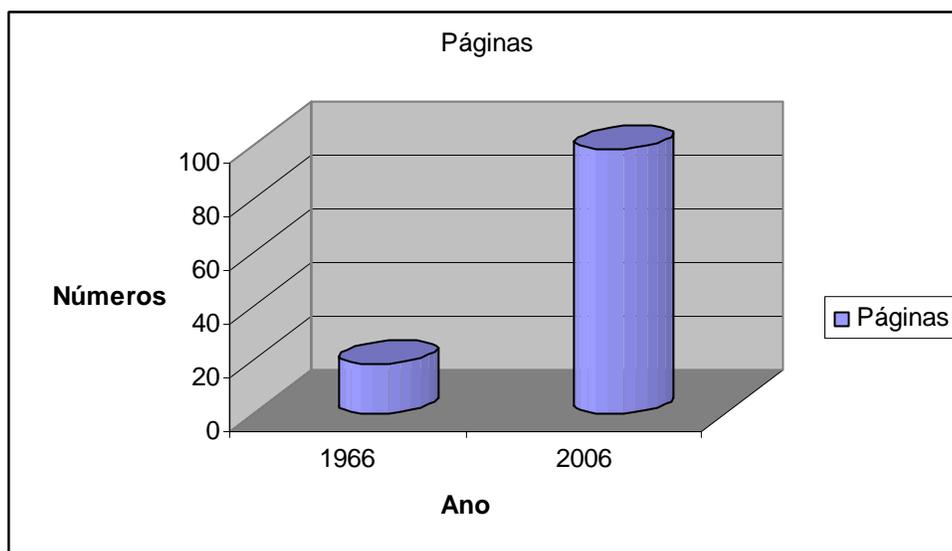
Os jornais de 1966 não tinham página. Não havia uma ordem exata. A única coisa que era conhecida era a Capa, pois o título com o nome do jornal era maior. No jornal de 2006, por exemplo, a utilização de páginas é bastante comum, até para evitar que o leitor fique perdido.

Uma distribuição melhor do jornal também pôde ser trabalhada com esses novos recursos. As matérias foram distribuídas em cadernos que englobam assuntos iguais. Ou seja, no caderno de Cidades, só matérias que falam sobre algo que aconteceu na cidade. E por aí vai.

Esta forma permitiu dar uma ordem no jornal. No exemplar de 1966, os assuntos se misturavam. Os anúncios, por exemplo, eram publicados no decorrer do jornal,

misturado com as matérias. No jornal deste ano, por exemplo, os anúncios têm uma sessão especial com o título Classificados.

No jornal de 1966, nota-se também a quantidade de notícias. O que separava um texto do outro era apenas o título. Algumas matérias chegavam a se misturar. O tamanho da letra também não ajudava muito. No Correio Braziliense de 2006, ler ficou mais fácil, as letras ficaram maiores e o espaço entre as matérias aumentou. Os espaços brancos no jornal também aumentaram, o que colabora também para a leitura. Quem lê tem um espaço para descansar a vista. Essa diferença de um jornal para outro, quando o assunto é quantidade de páginas, é demonstrado no gráfico abaixo.



(VILLELA, 2006)

Na diagramação, o romantismo acabou a partir do momento que o profissional não diagrama a página utilizando a mão, ou seja, não utilizava mais a caneta, a borracha, a calculadora, etc. Para o profissional era um prazer desenhar detalhe por detalhe da página.

Os recursos atuais facilitaram o trabalho sim, e muito. Mas para alguns, a saudade do trabalho manual, das horas e horas que levavam para montar uma página e do prazer de ver seu trabalho pronto nunca serão superadas.

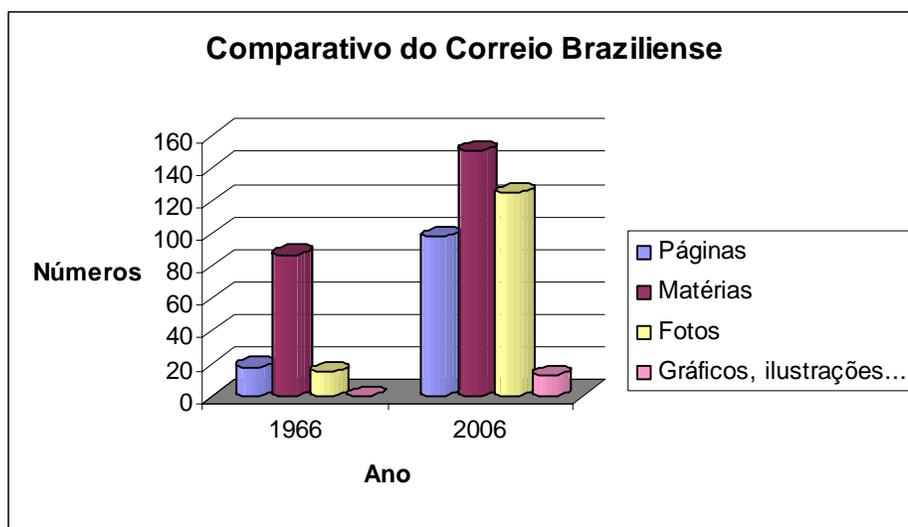
CONCLUSÃO

3.1 Um passeio no futuro

Com o objetivo de informar cada vez mais o cidadão em menos tempo, a tecnologia acabou com o romantismo nas redações. Os textos de hoje, por mais que sejam maiores, tornaram-se menos profundos, afirmam pessoas e obras consultadas para este trabalho. Os profissionais de 40 anos atrás escreviam o texto com toda sua alma, com todo o sentimento que tinham dentro de si. Ao profissional de hoje só interessa a informação, só interessa conquistar mais um leitor.

Essa ausência da alma, de vida no texto fez com que o romantismo se perdesse. Não há mais o cantarolar das máquinas de escrever, não há mais o dedo sujo de carbono, não há mais a calculadora, o uso do lápis, da borracha. Tudo isso perdeu o sentido. O computador faz tudo para o profissional.

Por outro lado, tudo se tornou mais rápido. A redação ganhou em produção e isso é visualmente notado. O jornal de 2006 tem 80 páginas a mais que o jornal de 1966. O computador permitiu isso. Ele trouxe mais rapidez e agilidade no serviço dos profissionais.



(VILLELA, 2006)

É possível até pensar nas redações daqui a exatos 40 anos. Uma tecnologia mais avançada que a *internet* e o computador. Com isso as informações vão chegar em questão de segundo na mão do leitor, os jornais serão maiores, os textos mais bem trabalhados, o número de páginas também vai aumentar.

Por outro lado, a conversa nas redações será extinta, não haverá diálogo. O individualismo vai tomar conta dos corredores. As pessoas ficarão cada vez mais distantes e os profissionais cuidarão cada vez mais da própria vida, não se importando com o vizinho. As redações também serão mais jovens do que são hoje, pois será exigido mais agilidade e mais rapidez para informar. O romantismo que não existe mais, será esquecido e totalmente extinto.

Os jornais vão trazer cada vez mais interatividade com o leitor, afinal eles precisam concorrer também com as empresas de televisão e rádio. Haverá, ainda, mais recursos na utilização das imagens nas matérias. A tecnologia daqui a 40 anos vai permitir que as imagens sejam mais bem trabalhadas do que são hoje.

As máquinas fotográficas vão facilitar ainda mais o trabalho do fotógrafo. Tudo caminha para que as máquinas trabalhem pelo profissional. O mesmo acontecerá com a diagramação. O diagramador deixou o lápis, a borracha, a régua e a calculadora de lado para trabalhar com um único instrumento: o computador. As tecnologias futuras talvez venham a permitir que o diagramador não tenha mais trabalho. Talvez até essa função de diagramador passe a não existir mais.

O que esperar do futuro? A tendência é que o jornalista se torne um faz tudo. Ele próprio se pauta, ele que marca as entrevistas, ele que faz a matéria, ele mesmo diagrama e manda para a impressão. Até mesmo, a população vai ditar o que quer ler. Os jornais impressos *online*, por exemplo, permitem hoje que a população tire foto de uma situação que ela tenha presenciado. Essa foto é divulgada com o crédito de quem tirou, ou seja, o cidadão comum. Daqui a 40 anos é possível sim que a participação do cidadão seja mais intensa, que ele seja mais participativo.

E é pensando neste futuro, que está tão próximo e ao mesmo tempo tão distante, que a pesquisadora pretende seguir em frente com o projeto, fazendo as modificações necessárias e através de mais pesquisa para transformá-lo em uma tese de pós-graduação, mestrado ou até doutorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FILHO, Ciro Marcondes. *Comunicação e jornalismo: A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto , 2003.

RIZZINI, Carlos. *O jornalismo antes da tipografia*. São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 1968.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Mil dias: Os bastidores da revolução em um grande jornal*. São Paulo: Trajetória Cultura, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa do Brasil* - 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.